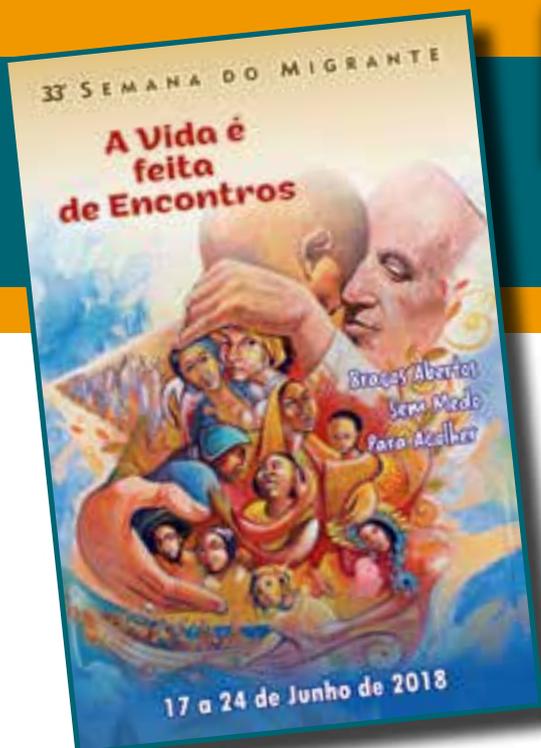


RODA DE CONVERSA

**33ª SEMANA DO MIGRANTE
17 A 24 DE JUNHO DE 2018**



"A Vida é feita de encontros: braços abertos sem medo para acolher"

O tema dos deslocamentos forçados e suas peculiaridades tem direcionado o olhar de Órgãos, Organizações e Estado em todo o mundo, tendo em vista que nas últimas décadas esta questão se transformou em um fenômeno global e encontra-se cada vez mais presente na vida de todas as pessoas. Nesse contexto, são muitas as dificuldades para que sejam oferecidas condições minimamente dignas ao acolhimento.

1º Encontro

CONQUISTA E GARANTIA DOS DIREITOS E POLÍTICAS PÚBLICAS

1. Ambientação

Preparar o espaço com um cartaz da Semana do Migrante e/ou da Campanha Compartilhe a Viagem; fotos de espaços de controle social/ conselhos ou de alguma forma de manifestação onde tenham rostos migrantes, fotos de imigrantes e refugiados sendo atendidos em instituições ou órgãos públicos ou com documentos nas mãos.

2. Acolhida Solidária

(Uma ou duas pessoas declamam a música "Peregrino". Após a declamação, perguntam aos participantes da Roda).

- Onde está o nosso irmão migrante? Onde estão as nossas irmãs refugiadas e apátridas?
- Onde estão as crianças que atravessaram os mares em busca de uma terra para viver?



18ª Assembleia Nacional do Serviço Pastoral dos Migrantes
Foto: SPM/NE

- Quem está acolhendo nossos irmãos e irmãs migrantes?

(Não é necessário que as pessoas respondam. Mas vale a pena fazer as perguntas mais de uma vez para que ressoem durante a roda. Todavia, se alguém quiser compartilhar suas reflexões, é importante escutar).

3. Diálogos sobre Conquista e garantia de direitos e políticas públicas

Migrar faz parte da história da humanidade. As pessoas migram pelos mais diversos motivos. Migram por melhores condições de vida, por sobrevivência, para fugir de

violências ou graves violações de direitos exercidos sobre sua pessoa ou de sua família. Não importam os motivos, todos são legítimos, sejam eles por fatores econômicos ou para salvar suas vidas ou de seus familiares.

As guerras, conflitos e catástrofes ambientais têm provocado um dos maiores movimentos de seres humanos na história, buscando a proteção nos mais diversos países por sobrevivência e oportunidades. O ato de migrar por si só se torna um ato de denúncia política. A maioria das pessoas não deixa sua terra simplesmente por querer migrar. Não rompem com vínculos familiares, suas histórias, sua cultura e tudo que o envolve enquanto seres humanos simplesmente por um desejo supérfluo de se mover. A mobilidade humana gerada nos últimos tempos tem provado isso, pois as pessoas que estão fazendo esse imenso movimento não fazem isso por turismo simplesmente, mas sim porque desejam recomeçar suas vidas e histórias em outro país que lhes garantam a proteção.

A denúncia se torna política porque de alguma forma o seu Estado de origem não lhe garante mais essa proteção. Mas migrar também é um direito e os sujeitos que o fazem devem estar amparados para buscar a proteção em outros países, a partir das convenções internacionais que garantem essa possibilidade. O Brasil é signatário das convenções internacionais que garantem o direito das pessoas migrantes estarem protegidas em território nacional.

O Brasil até então, não era considerado um país de rota expressiva para a imigração e após terremoto do Haiti, em 2010, tem se tornado o destino de milhares de pessoas que veem nesta nova terra a possibilidade de recomeçar seus projetos de vida. Na verdade, nossa história recente mostra um movimento contrário a isso, tendo muitos brasileiros buscando condições melhores de vida em outros países ou até mesmo brasileiros buscando refúgio (são quase 3.000 brasileiros refugiados) que buscaram a proteção de outro país.



Reunião pública sobre a regulamentação da nova Lei de Migração, realizada no auditório da Missão Paz, em São Paulo - SP
Foto: Miguel Ahumada

Com essa nova realidade, a sociedade civil organizada passa a ter um papel fundamental nessa nova conjuntura e provocar as instâncias públicas para se reorganizar na perspectiva de construção das políticas públicas que atenda essa população.

Sendo um fator novo para todo o conjunto da sociedade e também para os aparatos do Estado, é perceptível o quanto as políticas públicas são incipientes, demandando para a sociedade civil organizada uma atuação expressiva e que consiga dar as respostas para esse público, para as quais o Estado já não consegue ou se ausenta.

As entidades sociais, neste novo cenário social, passam a exercer uma expressiva atuação, por vezes, sobrepondo-se à função do Estado. É nesse momento histórico que estas organizações se percebem num movimento catalisador de diversas forças, na formação de uma grande rede de atuação frente ao desafio das migrações.

Pelo fato de o Brasil não ter em sua história recente, essa realidade de migração tão expressiva e perceptível, o momento atual tem provocado reações por parte da população que não consegue entender essa dinâmica da migração e por vezes acabam não reconhecendo nessas pessoas o direito de estar e permanecer no país nas mesmas condições dos brasileiros.

Quando um migrante ou refugiado está em território brasileiro, tem os mesmos direitos civis, econômicos, sociais e culturais garantidos que os cidadãos nativos, mas nem sempre isso é fácil de ser entendido pela sociedade e muitas vezes nem mesmo pelos órgãos do poder público. Após o terremoto do Haiti, com uma migração expressiva vinda para o Brasil, os órgãos públicos passaram a ser questionados por grupos da sociedade civil para que essas pessoas pudessem, além da permanência, ter acesso às políticas públicas como assistência social, saúde, educação, moradia, entre outras.

A partir de organizações sociais, juntamente com pessoas comprometidas dentro das instituições públicas é que começaram as primeiras iniciativas de promoção de espaços de debates e construção das políticas públicas específicas para o público migrante. Iniciou-se então um processo de conferência nacional (COMIGRAR), que se desdobrou em preparações com conferências temáticas locais e estaduais indicando delegados para a conferência nacional.

Muitas foram as propostas e iniciativas que surgiram desse movimento e que continuam a acontecer em várias partes do país. A migração é muito dinâmica e a cada momento surgem novos rostos. Isso demanda muito empenho e persistência das entidades sociais que trabalham com essa temática e do Esta-

do para que as políticas públicas sejam de fato implementadas. Compete à sociedade civil participar dos espaços de construção dessas políticas e realizar o controle social através dos espaços de comitês e conselhos, entre outros.

Mas para além daquilo que são os direitos sociais garantidos através das políticas públicas, precisamos refletir enquanto sociedade civil e organizações o nosso papel no processo de sensibilização e compromisso com essa causa. Atrás de todo migrante existe uma história, um rosto, uma pessoa ou várias, que precisam ser aceitas e incluídas. As políticas públicas por si só não garantem a integração dessas pessoas na sociedade. Isso também demanda de cada um de nós entendermos essa nova realidade e respeitar as diferenças que veem junto com essa pessoa, vendo-o não só como sujeito de direito, mas também como um ser humano que merece ser acolhido e respeitado na sua integridade e que tem muito a contribuir com seus saberes.

4. Para refletir

- O que temos acompanhado pela mídia/redes sociais sobre os migrantes no Brasil? O que pensamos sobre a presença dos migrantes diante da “crise” econômica no nosso país? O que achamos dos imigrantes terem os mesmos direitos que os brasileiros?

5. Gesto concreto

- Buscar conhecer se na sua cidade ou região existe alguma iniciativa de espaços de controle social, debate e construção de políticas públicas com o tema das migrações, por exemplo, grupos de trabalho, comitês, conselhos, associações entre outros.
- Participar de algum desses espaços e partilhar sobre essa experiência com familiares e amigos.
- Os encontros e registros (caso tenham) serão socializados no próximo encontro.

6. Saideira

Concluir a roda de conversa com o clip da música “Diáspora” Tribalistas.

<https://www.youtube.com/watch?v=neR2vTRrs4M>

2º Encontro

CULTURA DO ENCONTRO: ACOLHIDA E PROTEÇÃO AOS MIGRANTES E REFUGIADOS DO CAMINHO



Pastoral dos Migrantes de Cuiabá - MT, representantes da Acnur, MDS e Casa Civil, preparando acolhida para os imigrantes venezuelanos.

Foto: Pastoral dos Migrantes de Cuiabá

1. Ambientação

Preparar o espaço com um cartaz da Semana do Migrante e/ou da Campanha Compartilhe a Viagem; fotos de pessoas se abraçando, confraternizando; fotos de imigrantes e refugiados sendo acolhidos ou se reunindo, se organizando.

2. Acolhida Solidária

(Uma ou duas pessoas declamam a música “Diáspora”, dos Tribalistas. Após a declamação, perguntam aos participantes da Roda).

- Onde está o nosso irmão migrante? Onde estão as nossas irmãs refugiadas e apátridas?
- Onde estão as crianças que atravessaram os mares em busca de uma terra para viver?
- Quem está acolhendo nossos irmãos e irmãs migrantes?

(Não é necessário que as pessoas respondam. Mas vale a pena fazer as perguntas mais de uma vez para que ressoem durante a roda. Todavia, se alguém quiser compartilhar suas reflexões, é importante escutar).

3. Diálogos sobre Cultura do Encontro

Globalizar a empatia, a ternura, o acolhimento, a acolhida, o amor. Esse é o convite do Papa Francisco quando pede que enfrentemos a Globalização da Indiferença que violenta a vida de migrantes e refugiados. Essa é a globalização que naturaliza as situações de violência contra esses sujeitos e suas trajetórias. É a naturalização de cenários de xenofobia e discriminação e a negação da possibilidade de conhecer a história e os sonhos do irmão e irmã migrante.

Em contraponto à onda de violência e negação dos direitos dos migrantes e refugiados é preciso criar mecanismos de acolhida, proteção, promoção e integração. São pilares fundamentais que sustentam outra cultura de relações: a cultura do encontro. O Papa Francisco tem expressado o desejo de que toda sociedade se sensibilize com as trajetórias dos migrantes, as causas pelas quais essas pessoas deixam seus territórios de origem para viver em terras distantes e os desafios de reconstruir a vida em lugares com diferentes línguas, ambiente, culturas, crenças.

A cultura do encontro deve não somente nos colocar diante das pessoas com o olhar da “pena”. É preciso escutar os migrantes: essas pessoas carecem de uma escuta atenta, cuidadosa, respeitosa. É preciso estar com os homens e mulheres migrantes: sentar, abraçar, comer e celebrar com eles. Deve ser um encontro que escute os lamentos, mas que, sobretudo, tenha compaixão solidária e libertadora para a promoção dos seus direitos.

A cultura do encontro nos coloca ainda diante das fronteiras. Quem migra faz a escolha de trilhar e avançar fronteiras

geopolíticas, mas também vive angústias e limites de outras fronteiras no tempo e no espaço nos territórios aonde chegam. A fronteira aqui é entre nós e eles. Os “nativos” e os migrantes. A cultura do encontro nos coloca diante das fronteiras da diversidade. É um convite ao reconhecimento do outro e da outra como sujeito, irmão e irmã que compartilha a viagem.



Reunião da Pastoral dos Migrantes e Núcleo de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas em Fortaleza - CE
Foto: Pastoral dos Migrantes de Fortaleza

Como caminho de superação das violências contra migrantes e refugiados, assumir a fronteira na sua construção temporal e espacial, nas suas bases culturais e políticas pode apontar horizontes concretos de acolhida, proteção, promoção e integração. A fronteira “é o lugar da elaboração de uma residual concepção de esperança atravessada pelo milenarismo da espera no advento do tempo novo, um tempo de redenção, justiça, alegria e fartura. O tempo dos justos.”

No encontro com os migrantes e refugiados precisamos construir nossa esperança. É o diálogo, a escuta e a atenção com suas histórias e projetos de vida que vão apontar novas cotidianidades, mas também novas institucionalidades e novas relações estatais.

Romper a violência das fronteiras que separam “nós” e “eles”. Reconstruir as relações a partir das fronteiras da diversidade a partir da sensibilidade provocada pela escuta, pelo olhar, pelo respeito.

4. Para refletir

• Quais sinais visíveis de acolhida a migrantes e refugiados percebemos no dia-a-dia das famílias, comunidades, instituições? São gestos de acolhida, promoção, proteção e integração ou apenas de uma compaixão penosa?

5. Gesto concreto

• Em duplas, as pessoas participantes da Roda de Conversa são motivadas a convidar uma pessoa migrante ou uma família em situação de refúgio para um momento de café/almoço/lanche. Esse encontro será um tempo de escuta das histórias de vida dos sujeitos: quem são, de onde vieram, quais angústias, quais projetos de vida, com quem encontraram durante o caminho de migração e etc. [Se for possível, o encontro pode ser gravado ou ter as principais partes anotadas pela dupla. Todavia, é fundamental que antes de qualquer registo seja dada autorização expressa por parte de todas as pessoas.]



6. Saideira

Concluir a roda de conversa com o clip da música “Movimento” Jorge Drexler.

https://www.youtube.com/watch?v=r-GL_JSfpAqU

Conclusão

Ao propor um caminho, nestas rodas de conversa, tivemos a intenção de inserir esse tema e os fatos aqui abordados, como instrumentos de sensibilização das pessoas, das comunidades e das sociedades, para que percebam que a migração em suas diversas dimensões e, sobretudo, como oportunidade para o encontro, para renovações e para reconhecer que as pessoas têm o direito à cidadania universal.



22ª Romaria do Migrante em Fagundes - PB
Foto: Arquivo SPM/NE

Elaboração: Leon Patrick e Auricélia Rossana Freitas • Criação/Diagramação/Impressão: Renata Lima - A.N. Gráfica

REALIZAÇÃO



Tel.: (11) 2063-7064



APOIO



ENTIDADES PARCEIRAS

